

Falta de investimentos pode comprometer o crescimento, diz Loyola

ANA CAROLINA SAITO*
UNA (BA)

O economista Gustavo Loyola projeta um crescimento 3,2% na economia brasileira este ano, abaixo da taxa de 3,4% estimada pelo Banco Central (BC). A projeção também está bem distante da expectativas otimistas do ministro do Desenvolvimento, Luiz Fernando Furlan, que afirmou na semana passada que não descarta a possibilidade de o País crescer perto de 5%. "Há um comprometimento do crescimento em 2005 e 2006 por falta de investimentos. No entanto, não enfrentamos crise como a de 2002", afirmou o ex-presidente do BC, na sexta-feira na palestra "Os Rumos da Economia no Atual Cenário Político", durante o IT Business Fórum, realizado pela IT Midia, como o apoio da Gazeta Mercantil.

Loyola prevê que o País deve fechar o ano com uma inflação de 5,5%, acima da média projetada pelo mercado, 5,3%, e da meta do governo de 5,1%. "É possível ficar próximo de 5,1%, mas estamos considerando a hipótese de um reajuste nos combustíveis", disse o economista, sócio da Tendências Consultoria.

Para o segundo semestre, a expectativa é de que a inflação continuará a sua trajetória de queda, com o início da redução da taxa de juros a partir de setembro. Em dezembro, a proje-

ção para os juros é de 18% e taxa de câmbio em torno de R\$ 2,45. A balança comercial deve atingir US\$ 42 bilhões; a conta corrente, US\$ 5,3 bilhões, e os investimentos estrangeiros, US\$ 16 bilhões.

Se a atual política econômica for mantida – com a reeleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva ou a vitória de um candidato que indique continuidade –, a previsão é de um crescimento de 3,1% do Produto Interno Bru-

to (PIB) brasileiro em 2006. Já a inflação, medida pelo IPCA, deve atingir 5,1%, acima da meta estabelecida pelo governo, de 4,5%.



Gustavo Loyola

O Brasil deve encerrar o próximo ano com uma taxa de câmbio de R\$ 2,60 e juros de 15%. A expectativa de Loyola para a balança comercial é de US\$ 39 bilhões, conta-corrente de US\$ 10,7 bilhões e investimento externo de US\$ 14 bilhões. "O maior risco (a curto prazo) que temos é o petróleo. Há uma restrição de oferta (extração e refino), ao mesmo tempo em que cresce a demanda. Isso justifica o aumento dos preços", disse.

* A repórter viajou a convite da IT Midia